

Histórias de um Culto – A Nossa Senhora dos Remédios, em Lamego

Aida Maria Oliveira Carvalho

Instituto Politécnico de Bragança, Campus de Santa Apolónia - Apartado 1038 - 5301-854, BRAGANÇA, Portugal, acarvalho@ipb.pt

Palavras-chave: Culto, Devoção

Resumo

A presente comunicação visa aprofundar, alguns tópicos, relativos à introdução do culto de Nossa Senhora dos Remédios, em Lamego

A nossa observação foi dimensionada numa óptica de tempo longo e vem na linha de estudos de caso que, ultimamente, têm fornecido contributos de interesse decisivo para a compreensão do culto mariano. Procuramos centrar-nos entre os séculos XVII/ XX como período de análise, no pressuposto de que essa delimitação nos permite analisar importantes e dissemelhantes contextos político-culturais e religiosos; por um lado, trata-se de um tempo de mutações conjunturais; por outro, de estabilidade do culto.

This communication addresses some topics related to the introduction of the Worship to Nossa Senhora dos Remédios, from Lamego.

We have made spanning over 3 centuries a long time and is also based or in line with case studies. This analysis is based between the 17th century and 20th century. His assumed that this time frame allows us to analyze important and dissimilar political and cultural contexts and religious aspects.

1. DEFINIÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

No nosso estudo consideramos o culto de Nossa senhora dos Remédios que se soleniza no santuário do mesmo nome, na localidade de Lamego.

O concelho de Lamego fica situado a Norte do distrito de Viseu. Ocupa uma área geográfica de 164 Km² assente ao longo de 6 Km a Sul do extenso vale do rio Douro, na margem esquerda deste, a 54Km ao NE de Viseu, a 95 ao E. do Porto e a 330 ao N. de Lisboa; dividido em 24 freguesias, sendo duas delas (Almacave e Sé) urbanas e as restantes rurais.

No século XVI-XVII a localidade era um importante celeiro movimentado pelo porto líquido – o rio Douro, que lhe permitia estabelecer relações comerciais com outros pontos de Portugal e com o norte da Europa. Paralelamente, à actividade económica desenvolvia-se uma intensa vida religiosa. O Concilio de Lugo elevou-a a Sede Episcopal não fazendo coincidir as suas fronteiras eclesiásticas com a divisão distrital. Era, também, passagem obrigatória para os quantos dirigiam em peregrinação a Santiago de Compostela. (Baquero Moreno, H. 1986).

Fig. 1 Mapa de Portugal

Após a implantação do culto mariano, na primeira centúria do século XVII, o pólo aglutinador da vida religiosa fixava-se, pois, entre o santuário e a diocese. O santuário gozava de enorme prestígio e era dotado de grandes privilégios tendo obtido vários Breve Pontifícios; entre eles, destacamos o Breve Pontifício de 14 de Maio de 1777, o Breve Pontifício, de Pio IV, em 1780 e o Breve Pontifício de 06 de Agosto, de 1802. Ao longo do tempo, transformou-se num espaço vivo do qual gravitava grande parte da vida do homem/crente de Nossa Senhora dos Remédios cujos aspectos da vida humana eram fortemente impregnados de sentimento religioso tornando-se muito difícil destrinçar o plano espiritual temporal do civil.

As vivências agrícolas passadas em que as culturas do vinho/vinha assumiram um peso preponderante deixaram a sua marca no patrimonial local. São inúmeros os socalcos com os vinhedos tornando a paisagem um das mais belas e respeitáveis do mundo, classificada pela UNESCO em 2011, como Património da Humanidade. Recentemente, temos assistido a uma ténue tentativa de dinamização do tecido económico, diversificando as fontes de rendimento, através da recuperação de edifícios tradicionais para uma posterior reconversão à actividade turística. Esta experiência tem projectado o Douro como destino turístico, tendo-se conseguido constituir alguns equipamentos hoteleiros, mormente, novas unidades de Turismo em Espaço Rural (TER) e *quiçá* aumentar o número de devotos e o número de visitantes ao santuário de Nossa Senhora dos Remédios.

2. HISTÓRIA DO CULTO DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS: GÉNESE E PROBLEMÁTICA

Não é nossa intenção proceder a uma interpretação do perfil teológico-pastoral da devoção mas sim, face ao reconhecido interesse dos documentos, bem como, à pluralidade das matérias versadas, pretendemos contribuir para o esclarecimento que a edilidade despertou na comunidade lamegoense. O nosso aporte documental foram as actas da Irmandade de Nossa Senhora dos Remédios e alguns apontamentos da História da Igreja da Diocese de Lamego. Estes tipos de fontes históricas oferecem uma leitura ao nível da representação política e das sociabilidades observadas. A dimensão religiosa acaba, assim, por se apresentar como a cristalização do processo cognitivo que familiariza o devoto com o mundo religioso e consigo mesmo.

O culto foi introduzido no reino pelos religiosos franceses, da Ordem Hospitalar da Santíssima Trindade, no dealbar do século XIII. Estes elegeram a Nossa Senhora dos Remédios como sua padroeira. Este movimento expansionista da Ordem integrava-se no movimento da reforma religiosa, pré-concílio de Trento. Os frades desenvolveram a sua acção apostólica na tentativa de captação das camadas populares ciosas de uma intensa religiosidade. As comunidades locais eram ouvintes atentas das pregações dos frades que transmitiam conforto e ânimo às comunidades nas agruras da vida.

O lugar onde se encontra o santuário de Nossa senhora dos remédios tem por nome de monte de Santo Estêvão. No século XIV D. Durando terá mandado construir uma capela a Santo Estêvão."Neste monte que é chamado de Santo Estêvão bem mayor que o titulo dos Remédios foi erecta sua capella do ditto Santo pelo Bispo Dom Durão(...) todas estas memorias não deyxão escurecer a lembrança de que naqueUe

sítio esteve algum dia a capella do ditto santo”(Memórias Paroquiais (Dicionário Geográfico, 1758:294).

No século XVI surgiram novas concepções religiosas em virtude da necessidade de reafirmar as perspectivas católicas e de se fazer cumprir as principais decisões de Concílio de Trento. Com este propósito surgiram novos dogmas da fé, bem como, novos princípios de divulgação da doutrina cristã. Estes novos paradigmas obrigaram a hierarquia da igreja a uma redobrada atenção à doutrina proferida e às devoções marianas, em particular, nos anos pós-tridentinos com repercussões num quadro, mais amplo, das relações entre a vida social, moral e a religiosa. A interligação destas diferentes dimensões mostrava-se, especialmente, pertinente e urgente. A Igreja, de então, passou a reconhecer, definitivamente, um condão superno aos cultos marianos. Estas providências produziram efeitos políticos e sociais importantes e contribuíram para que as devoções marianas saíssem do estado de subalterno e pudessem satisfazer as comunidades rurais, cada vez mais exigentes em quantidades de espaços sacros. E, a este ganho quantitativo correspondeu um ganho qualitativo equivalente de novas evocações.

Fig.2 - Locais de veneração de Nossa Senhora dos Remédios, século XVIII

Conforme podemos observar no mapa o culto a Nossa Senhora dos Remédios, no século XVII, não se apresenta como uma devoção singular numa determinada região mas estamos presente uma devoção existente no universo nacional de Norte a Sul do País: Abrantes, Alenquer, Castelo Branco, Castro Verde, Évora Guarda, Lamego, Lisboa, Meda, Miranda, Monsaraz, Odivelas, Peniche, Pinhel, Portalegre, S. Pedro do Sul, Santarém, Sines, Valença, Vinhais.

Muito embora, a percepção do sagrado não seja traduzível para uma realidade numérica mas, de todo o modo, contamos com 22 locais onde já era possível a veneração da edilidade o que revela, de resto, os investimentos feitos pelas estruturas de poder constituído na divulgação e promoção das estipulações tridentinas.

2.1 Oportunidade ou conformismo?

O aparecimento do culto de Nossa Senhora dos Remédios está associados a dois factores: por uma lado, a vinda do Bispo D. Manuel de Noronha para a diocese de Lamego e, concomitantemente, a publicação das orientações tridentinas que trouxeram uma significativa revitalização da instituição católica com novas formas de percepção do culto e até mudanças de rumo pastoral, visando um manifesto cuidado doutrinal propício à erecção de devoções marianas e, por outro, a figuração da virgem enquanto instrumento importante de expressão da reforma eclesiástica. A imagem tornou-se num veículo de interiorização espiritual na figuração artística, pretendendo-se que esta ajudasse a criar uma ambivalência mais ascética e contemplativa.

A sincronia destes factores estimulou a novas relações entre os poderes políticos e a estrutura religiosa. A nova devoção passou a ser vista com agrado e mobilizando uma larga massa humana, nomeadamente, rural e, em particular, os segmentos sociais que, maioritariamente, tinham poucas possibilidades de acesso aos níveis e meios religiosos dominados e frequentados por camadas sociais mais informadas.

Tendo pois, como pano de fundo este enquadramento, a nível geral, passamos a uma abordagem mais votada ao âmbito local.

A descida a este nível, mais restrito, fornece-nos elementos necessários e decisivos para a compreensão do incentivo dado ao culto mariano e à viragem da política eclesiástica em conformidade com a anuência do projecto tridentino.

A nossa análise permite, tão-somente, avançar algumas hipóteses de trabalho possíveis de fundamentar através de documentação.

Como mencionamos, anteriormente, a nossa, primeira, atenção recai para o Bispo D. Manuel de Noronha enquanto anunciador e executante das manifestações de piedade pós-tridentina. “Este ilustríssimo Prelado (Bispo de Noronha) foy o que collocou esta milagrosa Imagem naquella Igreja, depois de reedificar, & a senhora com as suas maravilhas & grandes milagres, fez que já hoje se não nomee aquella casa com o título do Protomartyr Estevão, senão pela Casa da Senhora dos Remedios”. (Santa, Maria, Frei Agostinho – Santuário Mariano, 1771: 226)

D. Manuel foi um dos Bispos de maior influência e prestígio do seu tempo que soube dispor dos seus préstimos ao serviço da comunidade e da Diocese de Lamego. Foi camareiro do Papa Leão X e, mais tarde, Bispo da Diocese de Lamego, entre o ano de 1549 e 1569, 20 anos. Altura em que faleceu. Aferiu da necessidade de reconstrução da velha ermida de Santo Estêvão, dado o seu mau estado de conservação, e a sua experiência profissional e a sua vivência religiosa proporcionaram-lhe o ensejo de restaurar a ermida e cimentar um novo culto mariano. D. Noronha compreende que a conjuntura era favorável à criação de um culto mariano. Após a sua conclusão mandou transferir a imagem de Santo Estêvão para a nova capela dedicada a Nossa Senhora. De seguida foi fundada a Irmandade de Nossa Senhora dos Remédios para mediar os processos da fé. D. Noronha era um conhecedor dos meandros da Santa Sé e da localidade de que era Bispo. A sua autoridade, experiência e posição na Santa Sé permitiram-lhe alcançar a autorização pontifícia necessária para a fundação do culto nesta localidade que pelas suas características geográficas e pela ruralidade dominante, com grandes níveis de iliteracia e uma alta taxa de analfabetismo tornou-se terreno apetecível para uma nova invocação que fosse ao encontro das agruras do povo. As constantes aflições pessoais, os maus agrícolas, os surtos epidémicos e o espectro da fome sempre a pairar sobre os homens transmitiam a sensação de que seriam mais, facilmente, compreendidos e ajudados por Nossa Senhora dos Remédios e, com ela, padecendo todo o tipo de mágoas. Não, obstante o vetusto culto não foi esquecido. “(...) Como consta da tradição mais antiga, e apelido que ainda hoje conserva; em razão de que a mesma capella da Senhora dos Remédios vay o reverendíssimo cabbido desta Sé em procissão duas vezes cada anno a primeyra em três de Agosto, dia da erivenção de Santo Estevão protomártir, e a segunda no dia outavo da festividade do mesmo Santo- e na primeyra outava do Natal / dia de Santo Estevão se faz hum grande mercado na deveza ou santos que ficão por detraz da capella de Nossa Senhora dos Remédios: todas estas memorias não deyxão escurecer a lembrança de que naqueUe sitio esteve algum dia a capella do ditto santo”. (Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico, 1758: 294). Perante tal conjuntura D. Noronha entendeu que estavam reunidas as condições para criar uma nova devoção capaz de se integrar no espírito da época, convenientemente, dimensionada e cuidadosamente organizada e ágil. Um culto de devoção fácil, operacional, com amplas finalidades. Esta nova devoção deveria ser susceptível de se desenvolver na região afastada dos grandes centros urbanos, menos industrializados com os seus agro negócios e produção artesanal. Por certo, esta averiguação facilitou-lhe a introdução do culto de Nossa Senhora dos Remédios. Por outro lado, a população, gente em tanto dependente dos acasos do tempo e do clima, pretendia consolo e amparo. E, quanto mais forte fosse a aceitação maior seria a veneração e, mormente, a integra. Foram as massas populares do Douro que tornaram possível esta veneração

Desta forma, a Irmandade continuou a sua senda invocando os preceitos religiosos que, juntamente, com alguns acontecimentos colectivos tiveram um significado e uma

solidez anímica reforçada pelo povo. E, a capela tornou-se pequena para acorrer a todos os devotos. Após algum tempo a Irmandade construiu uma nova capela e outros terrenos foram adquiridos para a construção de todas as dependências do edifício do santuário e apoio ao culto.

No outro dia segunda feyra se collocou a Senhora no seu trono, e as mais imagens; e na terça feyra se deu princípio á sua novena; e na quarta feyra sinco de Agosto das sinco para as seis horas, se celebrou a festa da mesma Senhora com o sacramento exposto no peito da mesma Senhora; celebrou a missa o Muito Reverendo Dom Gonçalo Freire Corte Real Deão de Santa See, o evangelho o muito reverendo Cónego Manoel Roiz de Moura, a Epistola o Muito Reverendo Cónego Franscisco Marques da Costa: Pregou o muito reverendo Doutor Bernardo Joze de Carvalho cónego Magistral da mesma See, com aplauzo de todos os ouvintes que foy grande o concurso do povo de hum e outro sexo e de todos os estados; os muzicos e estromentos dentro da mesma cappella; com razão se pode dizer que nunca mais bem intoadosa, e afinados: O trono bem guarnecido de lumes, tudo sera nova, muito perto de noventa e mais O púlpito posçe de fora junto á porta do arco cruzeryro da parte da Epistola por ser muito o povo, e ficar daquella parte com melhor comodidade para de todos ser ouvido o sermão, que foy o primeiro que pregou nesta cidade e Bispado, o dito Muito Reverendo Doutor Magistral e por tudo ser verdade fis esta lembrança para a todo o tempo constar Lamego 8 de Agosto de 1761.

O Cónego Tercenario e Juís da Irmandade Joze Pinto Teyxeira (AINSR – Livro de Inventário,1761:13-13vs)

Alertados para essa pista, que se nos afigurou interessante, e por falta de mais documentação manuscrita resolvemos com ilações que julgamos lógicas, de factos certos, orientar nesse sentido, a nossa investigação e admitimos que foi D. Manuel Noronha o fundador do culto virginal na diocese de Lamego.

2.2 A iconografia

Apontamos a iconografia da Virgem, nas suas dimensões de cariz estético e artístico, como veículo marcante que influenciou a forma de entendimento e a proficiência no fomento de elementos considerados axiais da piedade religiosa, em Lamego.

A figuração mãe-filho representa a maternidade. A Virgem com o menino era um tema muito apreciado durante a época do renascimento. O filho está colocado no regaço de sua mãe. Esta representação não necessitava de grande cultura religiosa para poder ser entendida mas sim de grande humanidade para ser sentida. A iconografia é essenciais para a comunidade preservar os seus valores distintos criando um sentimento de identidade entre os seus membros, até porque perante os grandes níveis de iliteracia parte do que era assimilado e conhecido da vida religiosa era devido à aprendizagem a partir da virgem.

Fig. 3- Imagem de Nossa Senhora dos Remédios que sai na procissão.

Foto: Aida Carvalho

Esta figuração tornou a devoção, ainda, mais relevante e conhecida na região, numa época em que a fome era, precisamente, um dos maiores anseios da população

duriense assolada, constantemente, com as crises frumentárias desde a primeira metade do século XVI. Por certo, esta crença permitiu ao povo fazer frente às agruras da vida e intentar protecção divina.

Apesar de esgrimidos, estes argumentos podem ser o bastante para nos fundamentar o que esteve na origem da escolha da devoção e imagem para alicerçar o culto na localidade.

Outrora a festa era realizada no dia cinco de Agosto, dia de Santa Maria Maior. A partir do século XVIII, em 1778, foi transferida para o dia oito de Setembro, dia em que a Igreja Católica celebra a Natividade de Nossa Senhora. Desconhece-se qual o motivo da alteração da data mas julgamos que por questões de conveniência. A festa religiosa é um momento Epifânico de abertura para o transcendente e um tempo rico de reflexão e de graça fortalecedor da vida interior do devoto.

Foi neste contexto de reiteração apostólica que a devoção contribuiu para a renovação espiritual da população lamecense sempre associada aos poderes milagrosos da Virgem. Esta longa afinidade causou a revivescência popular o que deu origem às veementes explosões de fervor e penitencia religiosa que marcou tão, poderosamente, a vida da comunidade.

Ao longo do tempo a adesão popular foi crescendo tornando-se um fenómeno de massas e eram constantes as procissões por altura de calamidades naturais no sentido de obterem protecção divina.

3. Conclusão

Procurou-se com este trabalho estudar a implantação do culto de Nossa Senhora dos Remédios, em Lamego. Constatou-se que veio substituir, no final do século XVI, o vetusto culto a Santo Estêvão numa fase em que a Igreja estava inteirada da atmosfera propícia a estados transitórios de devoção adaptadas às novas exigências. As resoluções do Concílio de Trento, século XVI, resultaram em novas orientações eclesíásticas e em novas invocações marianas.

A nova devoção teve o seu tempo forte no último quartel do século XVII e durante, praticamente, toda a centúria seguinte, até ao século XXI.

Na realidade, a Igreja conseguiu com o novo culto de feição pós-tridentino controlar, com mais afinco, as massas populares e construir o magnífico santuário de Nossa Senhora dos Remédios.

Este trabalho além de analisar em concreto este facto, também poderá contribuir para futuras análises comparativas, em outros contextos.

Nos respectivos documentos não é indicada a data oficial que promulga a alteração da invocação, nem tão pouco são expostos os argumentos que privilegiaram esta alteração. Inferimos, por omissão de informação, que houve uma clara intenção de dedicar, numa fase pós concílio, este lugar a Nossa senhora dos Remédios. No entanto, muitas questões ficaram sem resposta. Porquê a invocação a Nossa Senhora dos Remédios e não a outra virgem qualquer? O que estaria por detrás desta escolha? Temos de admitir que este tipo de estudo ainda é muito incipiente em Portugal, embora já tenhamos algumas investigações bastante enriquecedoras para o conhecimento das devoções.

Acreditamos que a nossa investigação, por mais incipiente que seja, contribuirá para a sensibilização sobre a valorização das devoções locais.

Bibliografia e Fontes Manuscritas

Fontes Manuscritas

A.N.T.T. -Memórias Paroquiais (Dicionário Geográfico), Vol.XIX, 1758.
Arquivo da Irmandade da Nossa Senhora dos Remédios de Lamego:
COSTA, Manoel Joze Rodrigues da - Lembranças para o muito Reverendo Capellão da Irmandade da Rial Capella de Nossa Senhora dos Remédios, 1866.
Livro dos Termos da Meza da Irmandade da Nossa Senhora dos Remédios, 1807-1850.
Livro de Sesoens da Irmandade da Nossa Senhora dos Remédios, 1848-1869.
Livro das Actas das Sessões da Confraria da Nossa Senhora dos Remédios, 1870-1880.
Livro das Actas das Sessões da Meza da Irmandade, 1880-1895.
Livro das Actas das Sessões da Mesa da Real Irmandade da Nossa dos Remédios, 1895-1897.
Livro das Actas da Irmandade da Senhora dos Remédios, 1897-1903.
Livro das Actas das Sessões, 1903-1907.
Livro das Actas das Sessões, 1917-1921.
Livros Actas das Deliberações da Mesa Administrativa, 1921-1929.

Fontes impressas

AZEVEDO, Carlos, dir (2000) - *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores.
BONET CORREA, António (1986) - *Arquitecturas efímeras, ornatos y máscaras. El lugar y la teatralidade de la fiesta barroca* in “*Teatro y Fiesta en el Barroco. Españã e Iberoamérica*”. Barcelona: Ediciones del Serbal, , p. 60.
DELL'ARCO, Maurizio Fagiolo (1982) – *Le forme dell'effimero* in “*Storia dell'arte italiana*”. Torino: Giulio Einaudi editore, Vol XI.
ELIADE, M. 1992- *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, [tradução Rogério Fernandes].
SANTA MARIA, Frei Agostinho (1771) – *Santuário Mariano, e História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente apparecidas, que se venerão em os Bispados da Guarda, Lamego. Leyria, & Portalegre, suffaganeos do Arcebispado de Lisboa, Priorado do Crato, & Prelasia de Thomar*. Lisboa: na Officina de António Pedrozo Galram., Tomo III, Livro II. Titulo XXII, p. 226.
SANTOS, Eugénio dos 1991- *Missões populares e festa barroca: um aspecto da sensibilidade colectiva* in *I Congresso Internacional do Barroco*. Reitoria da Universidade do Porto, Volume II, p. 640-648.

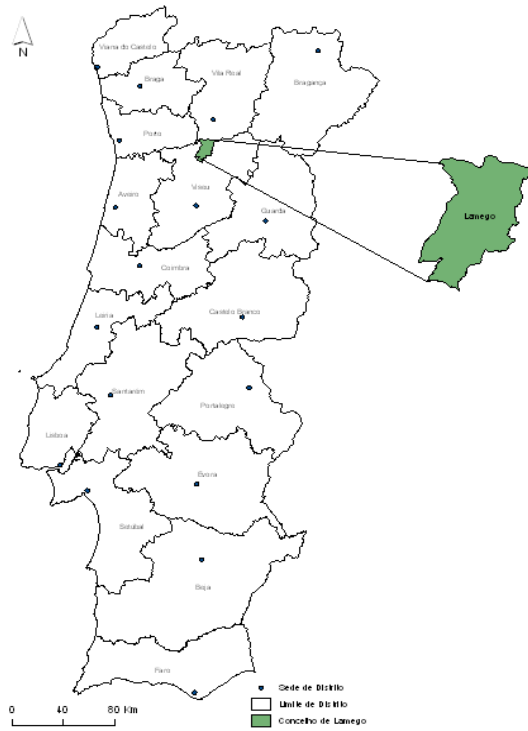


Fig. 1 – Localização da cidade de Lamego
 Fonte: Elaboração própria, com base no Sistema de Informação Geográfica *GIS Geographic Information System*

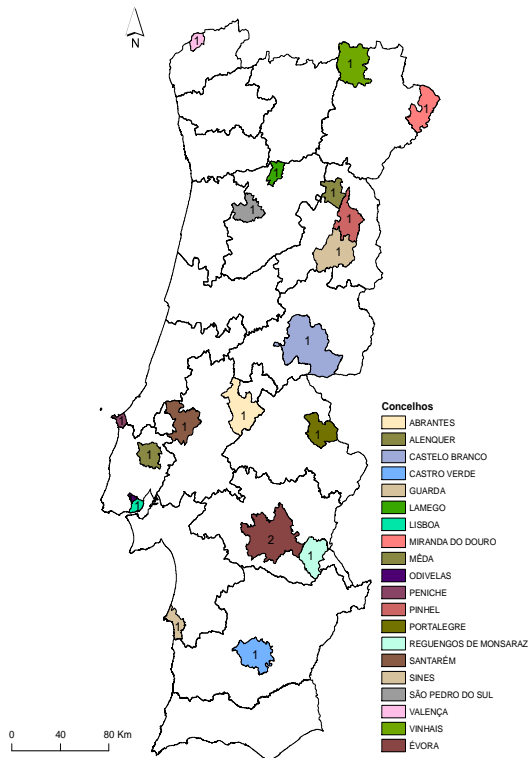


Fig. 2 - Locais de veneração de Nossa Senhora dos Remédios, século XVIII
 Fonte: Elaboração própria, com base no Sistema de Informação Geográfica *GIS - Geographic Information System a partir de SANTA MARIA, Frei Agostinho (1771) – Santuário Mariano, Lisboa: na Oficina de António Pedrozo Galram., Tomo I-VIII.*



Fig. 3 - Imagem de Nossa Senhora dos Remédios que sai na procissão.
Foto: Aida Carvalho

CV

Doutoranda em Cultura Portuguesa na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Mestre em História das Populações pela Universidade do Minho e Pós-graduação em Turismo e Património Religioso, na Faculdade de Teologia da Universidade Católica de Lisboa.